

É ASSIM QUE A VIDA PODE FLORESCER

Apontamentos do diálogo com um grupo de universitários envolvidos na “caritativa”, um gesto que educa para a descoberta de si próprio e da realidade (Milão, 12 de março de 2018)

Julián Carrón. Como já foi dito, hoje trabalharemos em torno da “caritativa”. Os testemunhos que chegaram demonstram que se trata de um gesto que está a fazer com que muitos de vocês floresçam. Às vezes, uma pessoa expressa a experiência que está a viver com uma força que pode ser útil para todos.

Anna. A minha caritativa consiste em ir até aos sem-abrigo uma manhã por semana para lhes servir o pequeno-almoço. A primeira coisa que noto é que este gesto me muda sempre, nunca me aconteceu sair de lá igual a quando cheguei. Em relação a isso, um instrumento fundamental para mim é “O sentido da caritativa” (L. Giussani, Taprobana Associação Cultural, 2016), que lemos antes de começar o gesto, porque consegue dar um nome às coisas que acontecem naquela hora. A segunda coisa que constatei é que durante a hora da caritativa eu estou inteiramente presente ali, como poucas outras vezes durante a semana. Quando estou ali a servir o pequeno-almoço, fico totalmente concentrada em responder às necessidades que aparecem, como providenciar o açúcar ou lavar os pratos. Estar tão presente no que está a acontecer leva-me a participar mais em tudo, e torna-me mais atenta; gosto mais do que encontro ali, estou mais disponível para acolher tudo, e descubro que ser assim me corresponde infinitamente. Naquele lugar vivo aquela diversidade “verificável” de que fala o texto da Escola de comunidade. Ir à caritativa ajuda-me a perceber melhor as necessidades de todas as pessoas que encontro. Certa manhã, um sem-abrigo traz-me um recorte de jornal com a fotografia de uma rapariga e dá-mo de presente, dizendo que acha que ela se parece comigo. Esse gesto comoveu-me muito, porque eu faço o mesmo na minha relação com Jesus: em todas as coisas que faço, em todos os rostos que encontro, procuro os traços d’Aquele que me ama e me doa tudo, pois é desse bem que eu necessito.

Carrón. Uma pessoa participar de um determinado gesto e poder dizer “nunca me aconteceu sair de lá igual a quando cheguei” é uma coisa surpreendente. Quem não estaria interessado em participar de um gesto através do qual pode acontecer uma coisa deste género, que pode mudar o modo como nos compreendemos a nós mesmos, no qual vivemos? Quando Dom Giussani nos convidou – para a nossa própria educação – a realizar este gesto, estava a delinear um caminho através do qual uma pessoa pode ver acontecer aquilo que a nossa amiga contou: tornar-se cada vez mais presente no momento presente, que é o que desejamos, e não estar no presente esperando que acabe para depois começar a viver, como tantas vezes fazemos. Participar desse gesto, dizia a nossa amiga, “leva-me a participar mais em tudo, e torna-me mais atenta” a tudo o que acontece.

Leio agora alguns trechos da intervenção de uma jovem que não pôde vir, porque vive muito longe daqui. Escreve a **Chiara**:

«Estudo Ciências da Educação em Catânia. Faço o mesmo gesto de caritativa já há sete anos, ou seja, desde que encontrei o movimento na escola; aliás, foi justamente a caritativa que me mostrou a natureza e a beleza do que eu tinha encontrado. A caritativa como que “monopolizou” toda a minha vida e as minhas escolhas, a começar pela universitária: de facto, eu desejava que a novidade no relacionamento com o outro estivesse também no centro do meu trabalho. A circunstância recente através da qual eu descobri o real valor da caritativa foi, paradoxalmente, aquela das eleições, em especial uma discussão que tive com um dos meus irmãos. Ele acusava-me de ser inútil para a sociedade porque eu não conseguia identificar um partido no qual votar.

Encaixei o golpe e, quase que para me defender, comecei a acusá-lo porque ele estava ali, sentado comodamente no sofá e delegava nos outros a solução de todos os problemas. Terminada a discussão, arrependi-me de tê-lo censurado, porque no fundo a dinâmica que o move é profundamente humana: ninguém se mexe a não ser por um interesse pessoal. Também eu, no fundo, não me mexo a não ser por uma conveniência, seja material ou espiritual. Só é possível pensar em mexer-se por um outro quando se reconhece que o outro é um bem. É sob esta óptica que a caritativa, para mim, nestes anos, foi a melhor “escola de política”, se assim podemos chamar-lhe: não só porque é uma tentativa de resposta a uma necessidade, mas porque das pessoas que encontrei nestes anos eu recebi mais do que dei, e assim descobri que o outro é um bem para a minha vida.».

Na discussão com o irmão vemos os dois modos de conceber a política: se a questão é só identificar o partido no qual votar ou é o interesse pela *polis*, o interesse pelo bem comum, o interesse pela necessidade dos outros. O irmão acusa-a de não identificar um partido, e ela replica com uma outra imagem da política. Ele, de facto, identifica-se com um partido, mas da janela! São duas atitudes em relação à política. Então, a questão é o que pode levar uma pessoa a levantar-se do sofá a fim de se envolver como protagonista na resposta à necessidade: é preciso, como testemunhava a nossa amiga, participar de alguma coisa que seja uma verdadeira “escola de política”, isto é, que interesse à *polis*, ao bem comum, ao outro e à sua necessidade. É essa educação que nós procuramos ao nos envolvermos com o gesto da caritativa.

Tommaso. *Nestes anos descobri que a caritativa não é um gesto separado do resto da minha vida, mas que permeia profundamente todos os seus aspectos. Quando eu comecei, estava ainda na escola e havia uma professora que estava sempre a lembrar-nos de que estávamos ali para aprender a amar como Jesus amava. Durante todo o ano, eu fiquei com aquela frase na cabeça, mas sem entender o seu sentido, pensando que fosse uma daquelas clássicas frases feitas. Até que, pelas circunstâncias da vida, dei por mim a não desejar o bem para determinada pessoa, que me estava a tratar mal, e fiquei sem saber o que fazer, pois ela estava a afastar-me de todas as maneiras. Aí ficou claro para mim o que queria dizer aquela frase. Quando vou à caritativa, encontro-me diante de pessoas que talvez não me suportem ou que eu próprio não suporto; de facto, não sou eu que decido a quem ajudar a estudar naquela tarde: só posso decidir se estou ou não disposto. Disto me vem um exemplo, que ajuda a entender por que digo que a caritativa permeia todos os aspectos da minha vida. Tem a ver com esta época de exames. Estudei com um amigo, embora eu não goste muito de estudar com os outros, sobretudo quando estou com a água pelo pescoço, porque me fazem perder tempo. Há um ano, eu teria feito de tudo para escapar, e assegurar-me de que tinha tempo para estudar sozinho. Desta vez, porém, fiquei até ao fim, embora um pouco aflito, porque eu estava realmente com água pelo pescoço; e perguntei-me por quê? E o porquê tornou-se evidente para mim. Há dois anos que a caritativa não é um gesto bonito “em si”: todas as semanas, no acompanhamento escolar no Martinengo, o meu trabalho é fazer com que estudem alguns jovens que não têm a mínima vontade de fazê-lo, nem de estar ali comigo, e com os quais nem sempre é possível estabelecer um relacionamento; às vezes isso acontece, mas à custa de muitas tentativas e depois de muitos meses. Ali, porém, eu não tenho como escapar, sou “obrigado” a olhar para eles, a reinventar-me e a inventar maneiras de me aproximar deles e das suas necessidades. Por isso, a caritativa é para mim uma escola onde aprendo um novo modo de viver todas as coisas, inclusive o estudo – que se tornou mais produtivo –, e que me permite viver os relacionamentos de um modo mais verdadeiro, da família ao colega de curso mais antipático. Eu reconheço que tenho a necessidade de viver desse modo. É um reconhecimento que surgiu de dois factores: da minha experiência de vida e do confronto com outras pessoas mais adiantadas do*

que eu – no início, a professora de que falei; agora, outras pessoas. Em segundo lugar, foram fundamentais outros dois elementos: o livrinho *O sentido da caritativa*, guia imprescindível, e a fidelidade à caritativa, que nasce tanto da confiança em quem me propõe a caritativa quanto do interesse por essa proposta.

Carrón. Por que é que citas estes dois elementos? Como é que descobriste o valor do livrinho para viver o gesto?

Tommaso. *No começo não compreendi quase nada; até me parecia só uma coisa “celina”, formal; aos poucos, porém, fui percebendo que aquilo que estava escrito no livrinho era verdadeiro: a experiência que eu estava a fazer ali não poderia ser descrita com melhores palavras do que aquelas.*

Carrón. E a fidelidade? O que significou para ti a fidelidade?

Tommaso. *Só pelo facto de ter ido lá todas as vezes, sem inventar desculpas, é que foi depois possível uma mudança no meu modo de estar em família, por exemplo.*

Carrón. Vejamos o que o Tommaso nos testemunha. Quem não sentiria prazer em fazer um gesto que, como ele disse, incide, permeia, faz verdadeiramente florescer, renova todos os aspectos da vida? Não é um gesto separado do resto, mas é o que enche de luz todos os outros aspectos da vida. Quando acontece a alguém algo semelhante, é um bem para todos nós. Com duas condições. Em primeiro lugar, é preciso viver o gesto não simplesmente como resposta a uma necessidade – como tantas vezes acontece hoje – como se fosse numa ONG, mas segundo a atitude que foi proposta. Cada um precisa descobri-la, aos poucos, como ele a descobriu através do livrinho *O sentido da caritativa*. Muitas pessoas, hoje, fazem voluntariado, mas quantas podem dizer que esse gesto permeia toda a vida delas? Não é um acrescento secundário, percebem? Por isso é que Dom Giussani quis que o gesto fosse guiado, como dizia o nosso amigo ao falar da professora. Durante um certo tempo, como aconteceu com ele, uma pessoa pode não entender por que razão – digamos assim – a professora o guia, ou por que é que nós insistimos em sermos fiéis àquela sugestão de Dom Giussani; mas, com o tempo, se a pessoa é fiel – eis o segundo elemento –, entende e descobre toda a dimensão do gesto que realiza. Devemos, então, como fez o Tommaso, esperar o tempo que for necessário – é esta a fidelidade – para que possa vir à tona toda a promessa que um gesto como a caritativa tem em si. Se, pelo contrário, vivemos tudo com muita pressa, se preferimos algo mecânico – pomos as moedas na máquina das bebidas e cai uma Coca-Cola! – perdemos o melhor, isto é, não fazemos a experiência.

É preciso dar tempo para que o gesto que aceitamos realizar mostre toda a sua capacidade de mudança e de incidência sobre a vida. Ao participar no gesto, é importante não perder os dois factores que acabamos de referir: vivê-lo como o propôs Dom Giussani, caso contrário não produz o que estamos a dizer, e com fidelidade.

Leio outra intervenção que chega de Reggio Calabria.

Escreve a **Santina**:

«Há alguns anos, um amigo perguntou-me se eu não gostaria de fazer a caritativa como catequista. Eu respondi logo que sim, porque confio nele. Com o tempo, porém, tive que dizer as razões do meu sim, para poder continuar ali. Em todos estes anos, para mim era claro o quanto a caritativa servia, antes de mais, para mim mesma e dei-me conta de que houve uma mudança na minha pessoa...».

É interessante que todos o sublinhem: a primeira “conveniência” do gesto de caritativa é para quem o faz. Assim, não é que alguém com autoridade te diga “Faz isto”, mas tu mesmo tens oportunidade de verificar, na tua experiência, se o que foi dito é mesmo verdade. Espanta-me sempre que Jesus tenha ligado o apelo para segui-Lo com o cêntuplo: “Segue-me, se quiseres viver; segue-me e terás o cêntuplo aqui em baixo”. Não te diz: “Segue-me porque eu estou a mandar”; não, mas “Segue-me porque eu te prometo algo que, se me seguires, poderás verificar na tua própria vida”. Que coisa é

essa? O cêntuplo, uma mudança que podes ver acontecer em ti. O cêntuplo não é o resultado que eu posso alcançar na caritativa, por exemplo; às vezes, se uma pessoa trabalha com pessoas doentes ou que tenham alguma deficiência, não se vê nenhum resultado, no sentido comum da palavra. O verdadeiro resultado é o crescimento do eu que tu surpresas em ti mesmo, é uma intensidade de vida cem vezes maior: nos relacionamentos, no estudo, no modo como enfrentas o real. Continua o texto da **Santina**:

«Houve uma mudança na minha pessoa que eu não imaginava possível».

Verificou-se nela uma mudança que antes não imaginava possível. Atenção, uma pessoa não pode ver essa mudança, não pode ver o cêntuplo antes de se empenhar: só o vê quando segue. Se dissesse: “Não, eu quero vê-lo antes”, então nunca o veria, porque se trata de algo que precisa de verificar na sua experiência. A nossa amiga acrescenta:

«Se olho para o que eu era dantes e como sou hoje, não posso deixar de me espantar. Antes eu contentava-me em olhar, delegava nos outros, não queria responsabilidade, ao passo que agora me vejo protagonista e mudou tudo na minha vida, porque metendo as mãos na massa e aderindo à proposta pude constatar que não é tudo fruto da minha competência ou do meu desempenho. Através do meu sim há Alguém que, em primeiro lugar, me muda a mim mesma e também as coisas, não me deixando perder nada. Quem és Tu que me procuras sempre para me fazer crescer, Tu que jamais te cansas de mim? Sou grata por tudo isto porque percebi que não posso fixar-me naquilo que tenho na minha cabeça, sobretudo nos momentos de cansaço, quando penso que não vou conseguir, porque no fundo há Alguém que através do meu sim me vem acudir e torna tudo diferente».

Como é possível que, ao ouvir um testemunho como este, não nasça em nós uma curiosidade, uma vontade de fazer a mesma verificação, de ver como a vida muda ao seguir alguém? Na nossa cultura, como diz Dom Giussani, tornou-se impensável que a minha vida possa mudar ao seguir alguém, que eu possa entender e possa mudar. No entanto, esta jovem prova justamente que é só seguindo alguém que ela muda, torna-se protagonista dos seus dias e entende melhor o que é a vida. Quem não quiser perder esta oportunidade, decida-se.

Federica. *Há três anos que faço caritativa em Precotto, um bairro de Milão. É um apoio escolar a alguns jovens do secundário. No primeiro ano – admito – foi um gesto muito superficial; a razão de eu ir era a possibilidade de conhecer alguns dos meus colegas, pois eu acabara de entrar na Universidade Católica. A minha postura em relação à caritativa mudou quando uma minha amiga me pediu para ocupar o seu lugar como orientadora do turno e convidar os novos inscritos a participar na caritativa. Isso “obrigou-me” a levar a sério aquele gesto, pois de contrário eu não teria como propô-lo a alguém. O Pe. Pino, uma vez, disse-nos que a caritativa é, talvez, o gesto mais educativo que fazemos, e que é como um Ferrari: se eu sonho com um Ferrari, eu quero-o lindo, inteiro, e não sem um espelinho ou com a janelinha partida. A caritativa é-nos proposta como um gesto completo: não se escolhe este ou aquele aspecto, chega-se com pontualidade e não se falta, porque faltar ou ir quando nos apetece seria construir a caritativa ao nosso próprio gosto, e então seria melhor nem fazê-la, por ser uma perda de tempo. Confiei e tentei levar a sério a proposta. Aos poucos, após três anos, começo a reconhecer em mim a importância que está a ganhar aquele gesto, mais do que outros, e dei-me conta disso na última sessão de estudo. Todos os exames que eu tinha eram à quarta-feira, e à terça à tarde eu tenho sempre caritativa. Não era óbvio, todas as semanas, “desperdiçar” aquela tarde de estudo anterior ao exame, sobretudo num*

período em que a caritativa era um tanto cansativa, não tinha vontade de ir e as crianças que eu acompanhava entendiam pouco. Tive duas conversas com a minha amiga Sofia. Ambas estávamos a pensar faltar naquele dia à caritativa para estudar para o exame do dia seguinte. Mas, no diálogo com ela, aos poucos a conversa desviou-se para a verdadeira questão: o que é que nos interessa na vida? Interessa-nos decidirmos nós mesmas o que fazer com o nosso tempo e, assim, decidir que a única perspectiva do dia é estudar para ir bem no exame, ou interessa-nos outra coisa? Por que optamos por fazer a caritativa este ano? O que estamos a descobrir, também no cansaço de aderir e sermos fiéis à proposta? A questão, então, desviou-se do “O que vamos fazer? O que favorece o estudo?” para o “O que nos interessa de facto hoje? O que posso descobrir e o que estou realmente a descobrir na caritativa?”. Despedimo-nos sem qualquer dúvida, não porque moralmente era correcto ir à caritativa – “não se falta à caritativa” - mas porque para mim ir lá é antes de mais voltar a colocar a mim mesma a pergunta sobre o que me interessa realmente na vida, e disso eu esqueço-me todos os dias. O sentido da caritativa, precisamente naquela terça-feira, voltou a colocar a questão diante dos nossos olhos e do coração, porque num pequeno parágrafo, intitulado Consequências II, lê-se: «E a descoberta do facto de que precisamente porque os amamos, não somos nós quem os faz felizes; e que nem sequer a sociedade mais perfeita, o organismo legalmente mais sólido e com a estrutura mais inteligente, a riqueza mais ingente, a saúde mais férrea, a beleza mais pura e a civilização mais educada, poderá jamais fazê-los felizes. É um Outro quem os pode fazer felizes. Quem é a razão de ser de tudo? Quem faz tudo? Deus. E então Jesus não é somente aquele que anuncia a palavra mais verdadeira, aquele que me explica a lei da minha realidade, já não é somente a luz da minha mente; eu descubro que Cristo é o sentido da minha vida. O testemunho de quem experimentou este valor é belíssimo: “Eu continuo a ir à caritativa porque todo o meu sofrimento e o deles tem um sentido”. Quando se espera em Cristo, tudo tem um sentido, Cristo. Isto é o que eu descubro, finalmente, no âmbito onde vou à “caritativa”, precisamente através da impotência última do meu amor: e é a experiência através da qual a inteligência entra a fundo na sabedoria, na verdadeira cultura». Voltando para casa, a Sofia e eu mergulhamos no estudo até tarde na noite, sem desperdiçar nenhum segundo. Para além do facto de o exame ter corrido bem, eu estava muito contente pela maneira como tinha estudado. E a minha afeição pela caritativa cresce cada vez mais, porque vejo que tem uma estreita conexão com a minha vida, com os outros dias da semana, ajuda-me a organizar o tempo, o estudo, faz-me descobrir que o tempo não é meu, no fundo, e que o meu estudo não corre melhor porque retiro alguma coisa da minha vida: aliás, justamente quando me empenho em certas coisas posso, depois, pôr-me a estudar com uma perspectiva nova, que não é apenas passar no exame. O que me interessa? Descobrir que Cristo é o sentido da minha vida, ver se isso é verdadeiro não só na caritativa, mas na relação com os meus pais, no meu exame, com o meu namorado e no meu apartamento. Indo à caritativa aprendo, aos poucos, a amar o outro porque ele existe: não porque muda o meu humor ou porque é simpático ou faz bem as coisas, mas porque existe. E isso é o que desejo realmente ao relacionar-me com todos. Acho isso demasiado fundamental para o meu crescimento para eu faltar à caritativa, ainda que seja na véspera do meu exame. Continuo sem ter percebido tudo, mas tenho muitas pequenas intuições, respostas e novas perguntas, que me fazem continuar a apostar naquele lugar.

Carrón. Cada um nos oferece elementos que não podemos perder. A Federica destaca um dado fundamental, que é a integridade do gesto: “Não se escolhe, chega-se com pontualidade e não se falta”, que é um modo diferente de enfatizar os dois factores de que falávamos antes: a necessidade de abraçar a proposta tal como ela nos é apresentada e a fidelidade. O gesto da caritativa só tem a eficácia de mudar a vida se nós a vivermos tal como ela é proposta. Ela já começa a ver – como disse – que “aquele gesto, mais do que outros” é decisivo para mudar todo o resto. É interessante observar como é que o convite à fidelidade a obrigou a perguntar-se: “O que é que me interessa na

vida?”. É impossível que, a determinada altura, diante do exame que tem no dia seguinte, aquela pergunta não venha ao de cima: a própria vida não a poupa. A questão da fidelidade é crucial porque te obriga, querendo ou não, a interrogar-te e a decidir. Aliás, a coisa interessante é verificar se a adesão leva a diminuir o interesse pelo estudo ou é aquilo que aumenta ainda mais o desejo de estudar e de aproveitar o tempo. Caso contrário, faço o papel de um bom cristão, mas depois não estudo, deixando isso para trás. Não, ela descobre que a caritativa está em estreita conexão com a vida e, portanto, começa a ver o nexos entre o gesto da caritativa e o estudo, toma consciência de que o gesto da caritativa não prejudica o estudo, antes a ajuda a viver de modo diferente o estudo e a perceber uma utilidade do tempo que antes sequer sonhava.

Anna. Eu faço caritativa em Bresso, onde há um apoio escolar para alunos do nível básico ao secundário. Há dois factos que guardo destes meses. O primeiro aconteceu durante um turno em que eu estava a estudar com três crianças do ensino básico. Um dos miúdos é chinês; estava muito desanimado, não me respondia, eu não conseguia arrancar nenhuma palavra dele, e quando me respondia, dizia coisas sem sentido. Eu estava a ficar enervada: tentava de todas as maneiras, com diferentes estratégias, mas nada funcionava para conquistá-lo ou para que ele fizesse as tarefas. Tinha um muro diante de mim. As outras duas crianças, pelo contrário, faziam os seus deveres sozinhas e perguntavam-me mil coisas, tinham muitas perguntas por mera curiosidade. A certa altura, já esgotada, diante da evidência da minha impotência em relação a ele e olhando para as outras duas crianças, disse para mim mesma: Como gostaria que esta realidade o conquistasse, que usufruísse as coisas como as outras duas crianças! Estava convencida de que eu não conseguiria conquistá-lo, mas que teria de acontecer alguma coisa. A única coisa que eu podia fazer era estar com as outras duas, que me chamavam. Comecei a olhas para as outras duas, sem me preocupar com ele. Passado pouco tempo, ele pergunta-me: Está certo? e mostra-me a folha na qual havia feito o exercício. A partir daí recomeçamos a fazer juntos as tarefas. Este facto tocou-me muito, por dois motivos. O primeiro é que aquele desejo sincero de que o outro seja conquistado é novo para mim. No final do turno, eu dizia para mim mesma: que estranho, antes de hoje este miúdo não era ninguém, eu nem sabia que ele existia, e de repente eu estava a desejar a sua felicidade. Perguntei-me: é só um ímpeto natural? Acho que não, porque são muitas mais vezes em que prevalece o nervosismo, e nem tanto esse desejo. E, então, o que é que aconteceu comigo para surgir aquele desejo? O segundo motivo é que aconteceu alguma coisa – nem sei bem o quê – que o despertou, sem que eu nada fizesse. Nos Exercícios espirituais, em novembro, dizias: “É impressionante a força da realidade quando a deixamos falar ao coração (...). Que impressão! Que capacidade a realidade tem de revirar o quotidiano!”. O segundo facto aconteceu algum tempo depois. Uma tarde eu estava com outras três crianças que no início eram ótimas; nunca me tinha acontecido, mas eu estava ali com as três, observando-as, enquanto elas faziam, em silêncio, as suas tarefas. Naquele momento senti-me inútil e perguntei-me: mas o que é que eu estou a fazer aqui? Logo a seguir, porém, a pergunta mudou: pode ter algum valor o simples facto de eu estar aqui, de eu existir? A única coisa que eu estou a dar-lhes, neste momento, é o facto de estar aqui com elas. Veio-me à cabeça o ponto da caritativa que diz: “A lei suprema do nosso ser é compartilhar o ser dos outros, é colocarmo-nos em comum a nós mesmos”. Era o que me estava a acontecer a mim. Intuí que até o meu simples existir podia ser útil, não porque eu fizesse alguma coisa, mas porque estava a partilhar a existência delas, eu punha-me em comum a mim mesma. O que vi nesses dois episódios é que na caritativa me descubro melhor a mim própria. Acontece-me cada vez com mais frequência, diante das coisas que sucedem – a relação com os amigos, o estudo, o relacionamento com os pais, as irmãs, com as minhas colegas de turma –, de me surpreender a dizer: eu preciso de voltar à caritativa. Quanto mais vejo a promessa que há ali, isto é, quanto

mais eu começo a ver algo mudar em mim, mais tomo consciência de como tenho necessidade deste gesto para a minha vida.

Carrón. É impressionante: com todas as dificuldades que ela descreveu, em vários momentos, justamente pelo que aconteceu veio a vontade de não perder o gesto da caritativa. Se não alcançarmos este nível, mais cedo ou mais tarde deixaremos de ir. É uma questão de tempo.

Margherita. *Eu também faço caritativa em Martinengo, ajudo as crianças no estudo. Há algum tempo, eu tinha algumas dificuldades com uma miúda. Por isso, pouco antes de ir, fui falar com uma das freiras que coordena o gesto e ela disse-me: “De qualquer maneira, tu não sabes como, mas ela é para ti e tu és para ela”. Isto lançou uma nova luz sobre a minha ida ali. Nas semanas seguintes, diante das mesmas miúdas, tendo em mente a hipótese de que elas são para mim e eu para elas, dei-me conta do seguinte: elas não são minhas e eu não estou ali para as dominar. Da mesma forma, as necessidades delas não são aquelas que eu acho que são as necessidades delas, mas são para mim. A mesma coisa está a acontecer também com as raparigas com quem moro ou com os meus amigos ou com aqueles que encontro na universidade: não são meus e não me cabe dominá-los. As necessidades dos outros, que em geral eu não entendo (muito menos, de uma maneira profunda), percebo-as cada vez mais como estrada para mim.*

Carrón. Vemos o como descobrir estas coisas ao fazer um gesto tão simples é crucial para todos os relacionamentos: com o namorado, com a namorada, com os amigos, com os outros. Quando não percebes qual é a necessidade do outro, namorado ou namorada, e acha que és tu a resposta, começa, de facto, a tragédia. Parece não ser nada, mas valeria a pena ir à caritativa apenas para aprender isto. Noventa e nove por cento dos litígios verificam-se por não se ter entendido isso: recriminas o outro por não te dar aquilo que ele não te pode dar, porque a tua necessidade é infinitamente maior do que ela ou ele te pode dar. O outro é como uma gota, que nunca poderá encher o copo. E isso não se descobre apenas porque se repete a frase certa, mas porque ao confrontarmo-nos, uma vez após a outra, com a necessidade do outro, começa-se a olhar para o outro a partir da sua verdadeira necessidade e começa-se a perceber, do mesmo modo, também a própria. Como seria tudo mais humano se nós entendêssemos verdadeiramente estas coisas!

Paolo. *Aprender a gratuidade nas relações talvez seja a coisa maior que me aconteceu indo à caritativa. Uma tarde, eu estava a ajudar uma miúda a estudar, que já me dava algum trabalho há algum tempo e por quem eu sentia simpatia. Naquele dia, ela não queria fazer nada. Tentei animá-la: “Vá lá, tu consegues!”. Nada. Então, usei o plano B: levei-a à irmã, o que em geral funciona. Nada. Vi-me diante de duas atitudes possíveis: continuar a insistir com o que eu tinha na cabeça, ou seja, achar que sabia o que era o seu bem e a sua necessidade, ou amar o ponto do caminho a que ela tinha chegado. Essa alternativa, para mim, foi fundamental nas relações. Eu estava com a minha namorada há dois anos, e enquanto eu me afeiçoava cada vez mais ao movimento, ela por seu turno começava a cansar-se, até que largou tudo: movimento, Igreja, etc. Para mim foi muito difícil e até doloroso. Ao princípio, tentei forçá-la: “Vá, vamos à Escola de comunidade, eu sei que tu precisas disso”. Andámos assim alguns meses, sem que ela se sentisse confortável. Eu próprio, porém, sentia que alguma coisa corria bem. Um dia, levo-a comigo a uma Escola de comunidade: para mim foi ótimo, mas quando a acompanhava a casa, percebi que ela estava triste. Ali vi-me*

mais uma vez diante daquela alternativa e disse-lhe: “Peço-te, não venhas mais a nenhum destes gestos, se só vens porque eu insisto!” Dei por mim a amá-la pelo ponto do caminho a que ela tinha chegado. E assim tudo teve um recomeço, e quem sabe que fim teria tido a nossa relação se eu não tivesse dado esse passo. Este é o olhar mais bonito que eu posso dirigir aos outros, e só posso fazê-lo porque é o que recebo na minha vida. Quando, n’ O sentido da caritativa está escrito: “Vamos lá para aprender a viver como Cristo”, isso é possível não porque alguém se sente Deus na terra, mas porque aquele olhar amoroso, como o do preso para com os guardas, de que tu nos falaste, eu sinto-o pessoalmente, eu experimento-o, e é a coisa que desejo mais dar aos outros, em primeiro lugar à minha namorada. E a fidelidade, antes mencionada, é necessária porquanto não é porque a gente percebeu uma coisa uma vez, que a percebe para sempre: eu tenho sempre a necessidade de que aquele olhar seja reeducado.

Carrón. É muito bonita esta ligação que o Paolo fez. É uma prova daquilo que eu dizia antes. Se uma pessoa está na vida pensando que já sabe – “eu já sei qual é a tua necessidade” –, até quando “arrasta” a namorada à Escola de comunidade, a única coisa que obtém é a tristeza dela. Amar a liberdade do outro, amar o ponto do caminho em que o outro se encontra, significa esperar o desenvolvimento de um desígnio que não é o nosso. Lembro-me sempre de um episódio contado por Giussani e que pode ser aplicado ao que diz o Paolo. Perguntavam-lhe: “Se, na lógica desta força de presença e de abraço da necessidade, me dirijo ao outro, ao colega que encontro na universidade, e ele a certa altura me diz: Olha, isso é uma necessidade tua, não minha”? É admirável ver como Dom Giussani reage diante de certas provocações. Cada um pode dizer: “E eu como reagiria?”, e depois pode confrontar a própria reacção com a dele. Em vez de tentar convencer o outro de que ele também tinha o mesmo desejo, Dom Giussani diz: “Tu sabes o que existe no coração do homem, porque existe em ti. (...) E tu percebes que o outro não percebe o que tu percebes, porque está bloqueado”. Como ajudá-lo, então? O ponto de partida não é uma discussão (“agora vou-te convencer de que tens esse desejo”), mas a consciência de que o outro precisa de fazer um caminho, como foi e é para nós. Portanto, antes de tudo, continua Dom Giussani, em primeiro lugar é preciso “pedir ao Espírito Criador que renove a face da terra daquele homem ali, porque nós não podemos fazê-lo!”, começa a rezar para que o outro tome consciência e, segundo, “precisas de estar diante dele, não insistir com ele” (*L’io rinasce in un incontro. 1986-1987*, pp. 364-366). É o mesmo com as crianças: é preciso estar com elas, porque só assim acontece alguma coisa. Foi o que contou primeiro a nossa amiga, falando das três crianças: duas estavam ali todas atentas, fazendo os trabalhos, e o outro não; ela insistia com este último, sem sucesso; mal o deixou um pouco em paz e foi trabalhar com as outras duas, através do que elas viviam, despertou a vontade também da terceira criança, e desbloqueou. Mas é este o método de Deus: Deus escolhe alguém – aquelas duas que começam – para atrair o outro. Por isso, não é preciso ficarmos bloqueados, dizendo: “Tem de acontecer com ela tal como aconteceu comigo”. Não. Alguma coisa foi dada ao Paolo para que possa chegar também à sua namorada, mas segundo um desígnio que não é o seu. A um certo momento, ele também começa a ver: não se trata de insistir com ela, mas estar com ela. Isto quer dizer começar a familiarizar-se com o humano do outro, que não é um mecanismo que eu posso manipular. O outro não se move porque eu ligo o motor, como o Paolo que liga a moto e vai adiante. A namorada não é como a moto, tem um motor autónomo, e então não adianta insistir; é preciso provocá-la de um outro modo, colocando diante dos seus olhos uma vida, de sorte que num determinado momento, segundo um desígnio que não conhecemos, possa acender uma centelha. Como no testemunho lido na última Escola de comunidade: durante anos o marido viveu a experiência do movimento e a mulher não queria saber, até que ela mesma – depois de trinta anos! – enviou uma carta para se inscrever na Fraternidade. O marido esperou todo o tempo necessário. Só Deus ama assim a liberdade. Não é que não se importe: manda o seu Filho, e depois todos aqueles que Cristo escolhe para permanecer na história como presença – a fileira das

testemunhas – e para fazer ver que há uma possibilidade de mudança; não fica a ver da janela, continua a agir, continua a desafiar os homens, mas amando a liberdade deles.

Assim nós continuamos a viver diante dos outros, mas não sabemos quando acontecerá eles despertarem e aderirem. É uma graça, então, ser-nos oferecido o gesto de que falamos esta tarde, com aquela força de nos mudar, de fazer-nos entender a natureza das necessidades, nossas e dos outros, e de incidir sobre todo o resto da vida. Continuamos, pois, a propô-lo a todos, segundo o modo como Dom Giussani a concebeu. Cada um deve vivê-lo no seu todo. A pessoa caminha de maneira descontínua e depois diz: “A mim não me acontece nada do que ouvi esta tarde”. Eu entendo, mas é como se ela dissesse: “Quero que a moto funcione, mas sem gasolina, porque a gasolina está muito cara”. Não é possível.

O gesto deve ser acolhido de forma completa: tem uma natureza própria, e se nos é proposto de uma determinada maneira, é porque só assim pode trazer fruto para a nossa experiência. Aquilo que a autoridade, a pessoa com autoridade, nos diz, nós verificamo-lo pelo cêntuplo que introduz na nossa vida. É a confirmação de que nós, quando seguimos uma pessoa, não a seguimos de modo irracional, mas estamos plenos de razões. A comprovação do seguimento é o cêntuplo. Vê-se, assim, por que é humanamente conveniente seguir. Quando não floresce o cêntuplo, temos de nos perguntar: mas eu estou a seguir? Podemos partir do seguimento para verificar o cêntuplo, ou do cêntuplo para verificar se estamos a seguir. Se não experimento o cêntuplo, talvez seja porque estou a gerir as coisas à minha maneira, não estou a acolher o gesto na sua integridade, tal como nos é proposto. Todos tivemos a possibilidade de ver, nos testemunhos desta tarde, que quando o gesto é vivido tal como nos é proposto, o cêntuplo acontece. Se há alguém a quem isto não acontece, deve verificar se está a levar a sério o gesto.

Dima. *Uma última pergunta, que tem a ver com a natureza do gesto. Tu antes disseste: “A caritativa não é um voluntariado”. Podes retomar brevemente esta observação?*

Carrón. É uma pergunta que deixarei em aberto. Mas digo o seguinte: uma coisa é simplesmente responder a uma urgência, a uma necessidade, outra coisa é descobrir a natureza da necessidade e quem lhe pode responder. Uma pessoa pode dizer: “Vou lá e faço alguma coisa pelos outros”. É uma coisa boa, claro, mas a questão é entender qual é a necessidade do outro, descobrir a natureza da necessidade. É apenas a necessidade de tomar o pequeno-almoço? Começamos sempre a partir das necessidades mais exteriores: o pequeno-almoço, o estudo, ser acompanhado devido a uma deficiência específica, etc. Começa-se por aí, mas aos poucos surge, como vimos, toda a profundidade da necessidade, e então uma pessoa percebe que só o voluntariado não pode responder, porque a necessidade é ilimitada em comparação com aquilo que eu posso fazer. Assim, começa-se a perceber que há mais qualquer coisa a aprender. É o que Dom Giussani nos quer ensinar através do gesto e do texto da caritativa. É como se nos dissesse: “Olhem que há muitas coisas a aprender com este gesto”. Se nós o reduzimos ao que a mentalidade comum espera, depois vem a desilusão, nossa e dos outros, porque mais cedo ou mais tarde virão ao de cima as verdadeiras necessidades, e se o gesto do qual participamos não nos leva a perceber quem pode responder à verdadeira necessidade, iremos tornar-nos cépticos ou iremos desesperar. Jesus respondeu à sua maneira ao aspecto imediato da necessidade, a fome, por exemplo. Logo a seguir, poderia ter criado uma ONG, mas fundou a Igreja. Por quê? Porque sabe que aquela gente tem uma necessidade maior. Não é que aqueles que foram saciados com a multiplicação dos pães e dos peixes não estivessem contentes: estavam tão admirados que queriam torná-lo rei! Mas, compreendendo a natureza do homem, Jesus diz: “Não se apercebem que isto não lhes basta? Se não comerem a carne do Filho de Deus e não beberem o seu sangue não poderão ficar verdadeiramente satisfeitos. A vossa necessidade de alimento é apenas a introdução para compreenderem a verdadeira natureza da necessidade que sentem”. Agora, se vocês também

começarem a entender a profundidade da necessidade humana, ao mesmo tempo torna-se claro que não serão vocês a responder nem à vossa necessidade, nem à dos outros – à do namorado, da namorada, das crianças, etc. A maioria daqueles que fazem voluntariado pensa – de boa-fé – que está a dar uma resposta à necessidade do outro, não vê essa profundidade e, portanto, aquilo que faz não é verdadeiramente amar o destino do outro em toda a sua integridade. Só se começarmos a ver a natureza da necessidade, a tomar consciência de que não somos nós que lhe daremos resposta e que se trata de se abrir ao Outro (“É um Outro que pode satisfazê-los”), só assim é que poderemos realmente enfrentar a nossa humanidade e a dos nossos irmãos sem medo, ou até abrindo-a por inteiro constantemente. Começamos, então, talvez, a captar qual é a diferença entre a caritativa e o voluntariado. Mas são só sugestões, que da próxima vez poderemos desenvolver. Deixo este ponto em aberto: onde é que vocês conseguem ver a diferença entre o que vivem alguns colegas vossos da universidade quando vão fazer voluntariado e o que vocês vivem no gesto da caritativa? Começam a ver que experiência fazem eles e que experiência fazem vocês, porque além da explicação é preciso verificar na prática as coisas que vocês ouviram esta tarde. Só se elas surgirem na vossa experiência é que vocês poderão entender que o gesto da caritativa, tal como é proposto, tem uma densidade e uma capacidade educativa infinitamente mais poderosa do que uma atividade de voluntariado. O voluntariado é uma coisa boa, claro: fazer alguma coisa é melhor do que desperdiçar o tempo. É necessário reconhecer o seu valor, mas ao mesmo tempo entender – graças ao que foi dito hoje e ao que vocês vão observar na vossa caminhada – onde reside a diferença em relação à caritativa. Cada um faça a comparação. Aquilo que nos convencerá a realizar o gesto tal como é proposto, sem o reduzir, por influência da mentalidade comum, a uma atividade de voluntariado, será a experiência e a comparação com o que vemos à nossa volta. Para evitar que ele seja reduzido, o gesto é guiado, e isso não por um acréscimo exterior. Além disso, também nos é oferecido um instrumento, um texto que torna mais fácil não o reduzir. O gesto completo é, pois, feito de gesto e palavras intrinsecamente ligados: para não reduzir o texto e para não reduzir o gesto. Coragem!